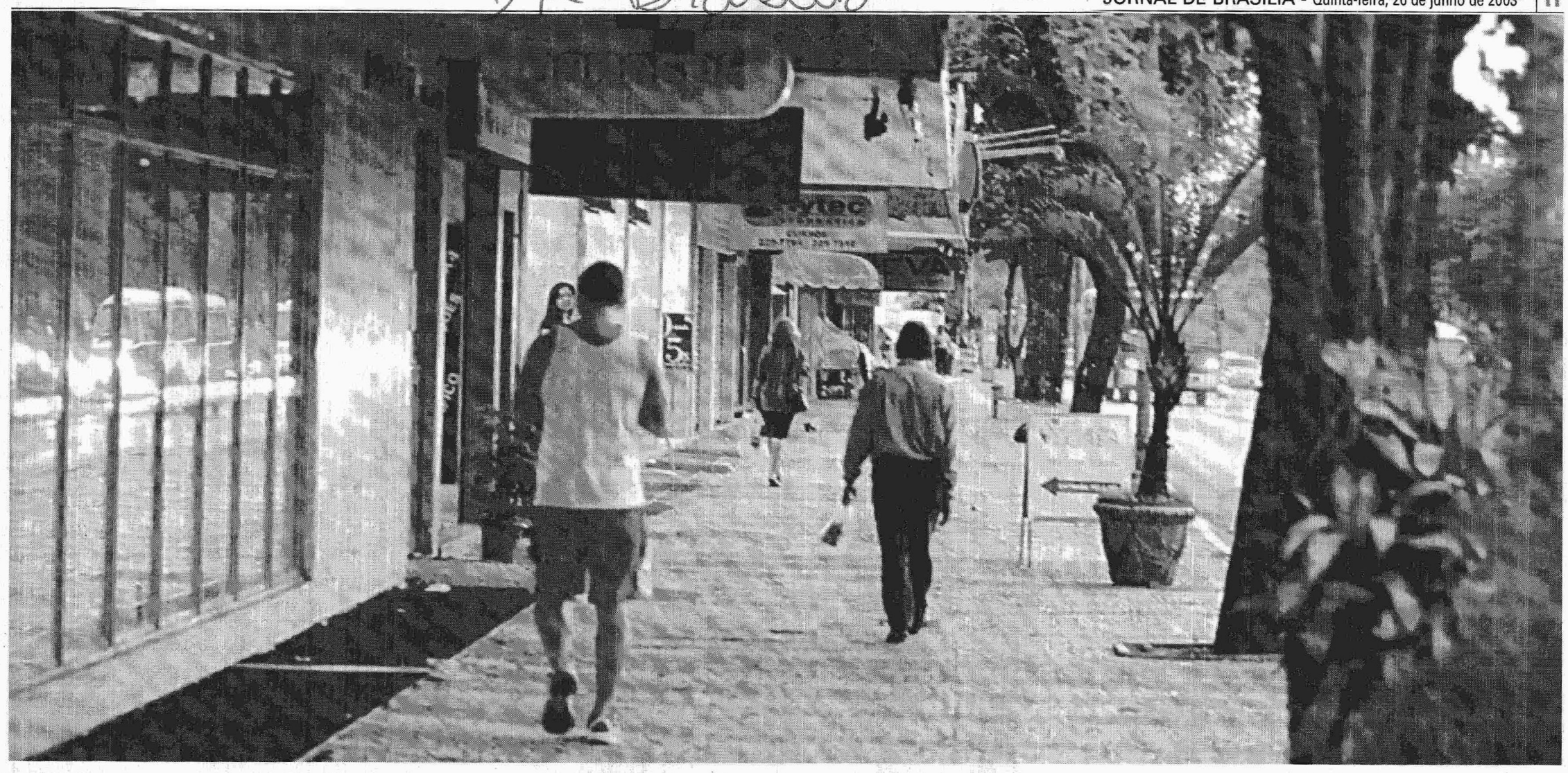
DF Brasília



Inspirados no passado de glamour e movimento, empresários e arquitetos planejam a revitalização da Avenida W3

Uma rua chamada lembrança

FLÁVIA RIBAS

Quem só passa pela W3 Sul de carro, torcendo para que a onda verde dos semáforos dê certo, deixa de aproveitar e conhecer uma avenida que guarda a história da cidade. Lá, pode-se encontrar de tudo. Entrar nas lojas é descobrir, em cada uma, um mundo diferente. Há funerárias, bares tradicionais, bancos, sebos e lojas especializadas de todo o tipo. Até máquina de escrever ainda se vende na W3.

Dá para voltar à era de ouro da avenida, nos anos 60. Na época, a vida cultural da cidade girava em torno da W3. Os melhores restaurantes da cidade ficavam lá; hoje, só resta o Roma, na 511 Sul. As grandes lojas de departamento e eletrodomésticos também tinham endereço certo nas quadras 500 – a Bi-Ba-Bô, por exemplo. Até o Carnaval de Brasília, fervia nas ruas da principal avenida da capital.

Nos anos 70, com o surgimento dos shoppings da cidade, a W3 perdeu importância e freguesia. Os estacionamentos, no canteiro central da pista, também foram retirados e contribuíram para que o movimento diminuísse. A partir daí, aumentaram os problemas de segurança. Desde sempre, a avenida foi freqüentada por mendigos e bêbados da cidade.

As cenas quase nunca mudam. Com a senhora, sempre em estado de embriaguez, que pede R$ 1 a quem quer que cruze o caminho dela. "Ela está aqui há pelo menos 15 anos", estima o comerciante Antônio Aragão, lembrando que ela já mendigava quando a moeda era o Cruzeiro. Por uns tempos, os ladrões faziam a festa, assombrando e desestimulando os empresários da avenida.

"De uns tempos para cá, a segurança está bem melhor. O movimento também voltou a aumentar. Sofremos nos anos 80", constata o fotógrafo Aragão, proprietário de um laboratório fotográfico desde 1966. Os restaurantes e bares badalados e os grandes magazines deram lugar a templos das mais variadas correntes religiosas. A bem da verdade, a avenida inchou para evitar a derrocada total. Nas quadras 700, surgiram pousadas, salões de beleza e casas de cartomante. Hoje, é possível encontrar até um spa ali pertinho, na 703 Sul. Para relaxar, basta atravessar a W3.

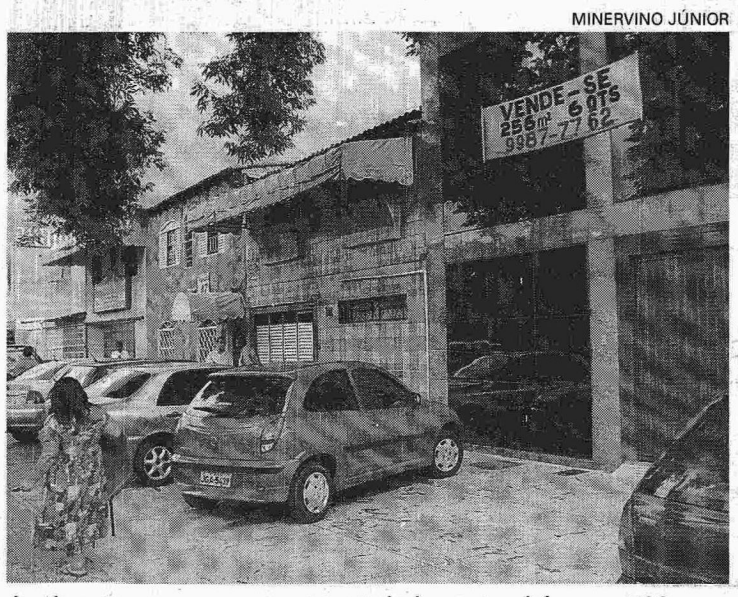
A NOVA W3

- Frederico Flósculo, professor de Arquitetura da Universidade de Brasília (UnB), reuniu 11 psicólogos e desenvolveu um projeto de revitalização da via, que busca conciliar do Carnaval ao sossego
- O projeto ganhou concurso promovido pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB-DF) e pelo GDF, realizado em setembro do ano passado
- A idéia principal é transformar a avenida em um grande corredor cultural, com instituições do Brasil e do exterior
- O projeto é grandioso e pretende mudar uma área de 12 km de extensão e 5 km de largura, equivalentes a toda a Avenida W3 e suas redondezas
- Até hoje, as mudanças não saíram do papel. Para Frederico Flósculo, o governo quer realizar as obras, mas ele avalia que o processo é longo e lento

FOTOS: RENATO ARAÚJO

As lojas fechadas se sucedem durante o trajeto pela Avenida W 3. Os principais estabelecimentos migraram para os shoppings

MINERVINO JÚNIOR



A crise atravessou a rua e se estabeleceu também nas 700

Proposta prevê um corredor cultural

Comerciantes, moradores e freqüentadores da avenida divergem quando o assunto é a W3 Sul. Há quem a classifique como *rua morta*, mas quem mora e trabalha no local sabe que a avenida funciona e vive, apesar de tudo. Unanimidade, mesmo, apenas quanto à necessidade de reverter um cenário de prédios abandonados e de revitalizar a via e as quadras vizinhas.

O prefeito da W3 Sul, Hely Walter Couto, acredita que o governo iniciará o projeto em breve. "O governador Roriz prometeu, durante a campanha, dar início à revitalização da via. Tenho um encontro marcado com ele para darmos início às obras." Coordenador do projeto vencedor do concurso promovido pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil e pelo GDF, o professor de Arquitetura Frederico Flósculo revela que a proposta não prevê demolições nas quadras 500 e 700.

"Nosso projeto envolve política cultural e a participação comunitária e empresarial", conta Frederico. Segundo Hely Walter Couto, entretanto, os empresários ainda não se comprometeram com a idéia da revitalização. "Contamos com a participação financeira deles durante o concurso. Até hoje, poucos pagaram."

O objetivo é resgatar a tradição boêmia da avenida, que hoje resume-se à informalidade das mesas de sinuca do Barzão, na quadra 504. Ali perto, na praça da 704 – ainda marcada pelo crime cometido contra o índio Galdino Pataxó –, o prefeito gostaria de construir uma fonte luminosa. Ao redor dela, bares e um palco montado na praça, para shows nos fins de semana. "Tudo até meia-noite, para não atrapalhar os moradores.